A PÉROLA: O PRIMEIRO JORNAL ERÓTICO DO OCIDENTE

THE PEARL: THE FIRST WESTERN EROTIC'S JOURNAL

Natanael Duarte de Azevedo[1]
José Temístocles Ferreira Júnior[2]
Socorro de Fátima Pacífico Barbosa[3]

RESUMO: A expressão "romances para serem lidos com uma mão", utilizada nos séculos XVIII e XIX, representa bem a produção literária que tinha como objetivo despertar os desejos mais íntimos do leitor. Essa expressão foi usada por Rousseau no século XVIII, em suas *Confissões*, para se referir a "livros perigosos" que englobavam romances, tratados filosóficos, textos políticos e obras licenciosas. É à guisa de uma pesquisa historiográfica da literatura que pensamos em um estudo que se alia com a história da leitura, levando em conta os diversos gêneros literários que circularam no Brasil oitocentista, com uma grande influência de editores de Portugal, a saber: a literatura pornográfica que circulava em periódicos do século XIX. Dessa forma, observaremos que o comportamento da sociedade vitoriana é representado pelo jornal *A Pérola* não por meio do discurso da severidade moral e do puritanismo religioso, mas pela volúpia que se espreita nos salões ingleses e a lascívia que move os indivíduos em nome da busca pela obtenção do prazer. Além de deleitar os leitores da época, o jornal *A Pérola* não deixa de expor a hipocrisia presente na alta sociedade inglesa que negava a liberdade sexual, mas a punha em prática nos recônditos da imaginação.

Palavras-chave: Literatura pornográfica; Jornal oitocentista; *A Pérola*; História da literatura luso-brasileira.

ABSTRACT: The expression. "novels to be read with one hand", used during the 18th and 19th centuries, is a good representation of the literary production that aimed at arousing the most intimate desires of the reader. Rousseau used that expression in the 18th century in his book *Confessions* to refer to the "dangerous books" such as novels, philosophical treatises, political texts and licentious woks. It is by way of a historical research of the literature that we think in a study that is combined with the history of reading taking into account the various literary genres that circulated in Brazil in the 18th century with great influence of the Portuguese editors, namely: the pornographic literature that circulated in Brazilian journals in the 18th century. The paper *A Pérola*

[1] Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife-PE, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba e professor assistente I da UFRPE. E-mail: natanael.duarte.ufpb@hotmail.com.

[2] Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife-PE, doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba e professor adjunto I da UFRPE. E-mail: josetemistocles@yahoo.com.br.

[3] Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa-PB, doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e professora associada IV da UFPB. E-mail: socorrofpbarbosa@hotmail.com.

represents the behavior of the Victorian society not by means of the severity of the moral and religious puritanism but by the voluptuousness that can be seen in the British halls and the lust that moves the individuals to find pleasure. *A Pérola* delights the readers and exposes the hypocrisy of the British high society that denied the sexual freedom, but practiced it in their imagination.

Keywords: Pornographic literature; 18th century paper; *A Pérola;* History of the luso-brazilian literature.

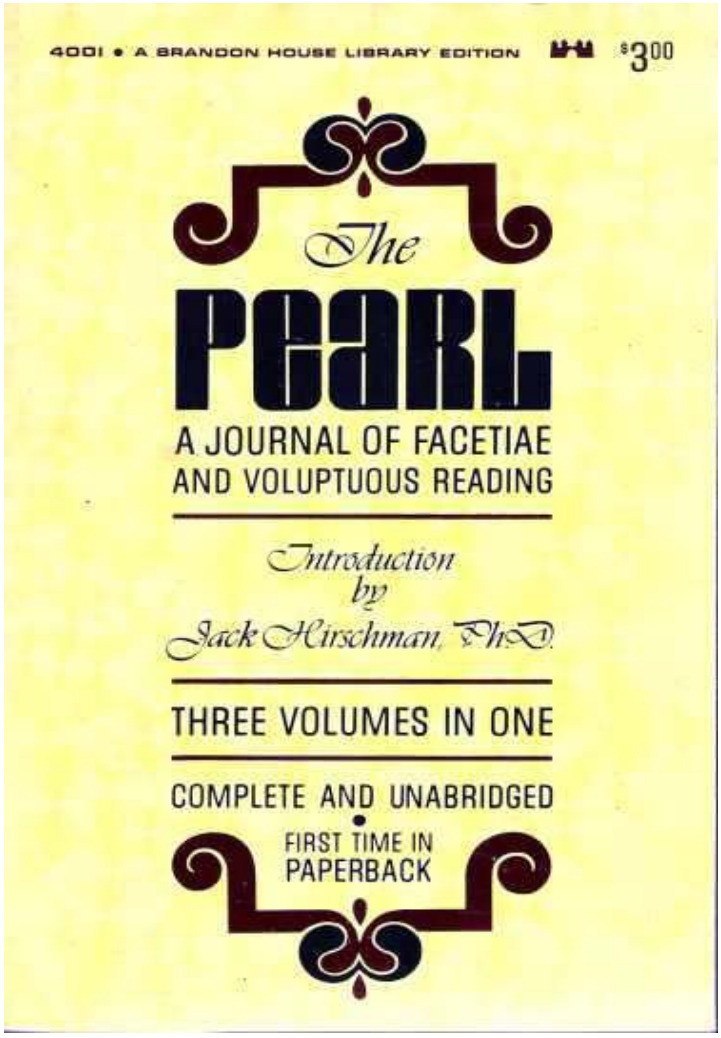
CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tomamos o jornal *A Pérola* (1879-1880) como fonte e objeto de nossa investigação devido a sua importância na historiografia tanto do jornal como da literatura pornográfica, já que o jornal em questão é considerado o primeiro jornal erótico do ocidente, segundo os editores da tradução portuguesa[4].

De acordo os editores portugueses da Editora Livros do Brasil, o jornal escrito anonimamente circulou pela Europa (sendo o primeiro jornal do gênero) nos anos de 1879-1880. A tradutora, Maria Emília Ferros Moura, fez uma compilação dos números do impresso disponíveis e publicou-os em língua portuguesa no formato de livro. Essa adaptação do suporte não é uma característica da versão portuguesa. Como podemos ver na imagem abaixo, há uma versão americana da *Brandon House Library Edition U.S.A.*, com introdução de Jack Hirschman (publicado em 1967) que adota o suporte livro para divulgação dos fascículos do jornal *The Pearl*.

[4] A Pérola (título original, The pearl) foi traduzida por Maria Emília Ferros Moura e publicado pela Editora Livros do Brasil (por ter caído em domínio público, outras editoras publicaram o jornal, a exemplo da editora Alameda).

Figura 1: The Pearl – A Brandon House Library Edition



Fonte: <http://ecx.images-amazon.com/images/I/51cgdxDyriL.jpg>

O jornal *A Pérola* publicou 18 números que circularam durante a vigência de dois anos. Diferentemente dos jornais oitocentistas, *A Pérola* não trazia divulgações do comércio da época nem gêneros comuns aos impressos, como a crônica, noticiário e críticas pessoais, políticas e aos jornais concorrentes etc. O impresso era voltado para os gêneros literários (poesia, contos, romances folhetim, epístolas etc.) com o interesse no ataque à aristocracia vitoriana.

Apenas no número 17 do jornal, nas últimas páginas, há uma coluna dedicada aos anúncios. Na verdade, os itens anunciados corroboram a temática pornográfica do jornal. São anunciados quatro itens, a saber: 1) "Uma virgindade": divulga-se o leilão de uma virgem; 2) "Aos apreciadores de boas mercadorias": informa sobre o carregamento de jovens (de 8 a 16 anos) para serem vendidas como mercadoria de sexo; 3) "Religião": convida os leitores para uma conferência proferida por um reverendo acerca da relação sexual entre pai e filhas, além de uma outra conferência sobre como

satisfazer um harém; 4) "Circuncisão": um reverendo falará sobre o tema e as vantagens dos pênis circuncidados, mas o convite é voltado exclusivamente para as mulheres e a entrada é gratuita.

> ANÚNCIOS
>
> Para venda – Uma pechincha
>
> UMA VIRGINDADE
>
> A possuidora que casa brevemente está disposta a vender o que acima se cita em leilão. Serão anunciados mais pormenores no próximo número de *A Pérola*.
>
> AOS APRECIADORES DE BOAS MERCADORIAS
>
> Massrs, Rogers, Rosencrantz e Co., Importadores de Mulheres Estrangeiras e Outras Curiosidades pedem para que seja anunciada a chegada de um carregamento por barco, directamente, da Zululândia, de jovens de todas as idades entre os 8 e os 16, virgens genuínas e que estarão sujeitas a oferta a qualquer hora no decurso da próxima semana.
>
> NOTA – Dado este tipo de mercadoria ser extremamente frágil, os compradores devem encarregar-se do seu transporte. No caso de encomendas de fora, as jovens serão enviadas com o nosso selo no sexo, o que servirá de garantia.
>
> RELIGIÃO
>
> No dia 20 de Dezembro o Rev. Newman Hall fará uma conferência sobre: "A Conduta de Lot e de suas Filhas". Será acompanhada de ilustrações mostrando o pénis paterno a penetrar nos sexos das filhas.
>
> Dia 7 de Janeiro: "Salomão em toda a sua glória com 700 mulheres e 300 concubinas"; será uma tentativa de elucidação do mistério de como as conseguiu satisfazer a todas.
>
> O Ver. J. Spurgeon falará à Associação Cristã das jovens sobre o tema da:
>
> CIRCUNCISÃO
>
> Com exemplos práticos da vantagem de remoção do prepúcio do pénis.
>
> Só serão admitidas mulheres. Entrada grátis. (*A Pérola*, n. 17, 11/1880, p. 285-286[5])

A seção de anúncios corrobora a proposta editorial do impresso, uma vez que o jornal é voltado para um suposto leitor voluptuoso. Sendo assim, nada mais natural que anúncios lascivos presentes no periódico.

Sobre os gêneros comuns aos jornais do século XIX, tais como a correspondência jornalística, a carta do leitor e a anedota, destacamos três exemplos, respectivamente, presentes no jornal, mas sempre com o tom satírico. Como correspondência jornalística satírica, temos:

[5] Por trabalharmos com a versão portuguesa do jornal, citaremos sempre o número, o mês e o ano de A Pérola, mas a numeração das páginas será de acordo com a do livro, uma vez que a coletânea de jornais foi impressa pela Editora Livros do Brasil em formato de livro.

> O JEJUM DE QUARENTA DIAS DO DR. TANNER
>
> Um correspondente em Nova Iorque comunicou ao Editor de *A Pérola* que, durante as três semanas da terrível experiência, o pénis do Dr., que em condições normais media vinte centímetros de quando em erecção, diminuíra para cerca de três centímetros de comprido e não havia forma de o entesar ou fazê-lo ejacular. (*A Pérola*, n. 13, 07/1880, p. 129).
>
> Já o modelo de carta do leitor ao editor do jornal, temos:
>
> UM FACTO CURIOSO PARA OS NATURALISTAS
>
> O editor recebeu a seguinte carta de um assinante:
>
> «Ouve-se dizer muitas vezes: "Não há pénis que enrijeçam com um tempo destes" ou "É coisa difícil com mau tempo", etc., mas quando eu e a minha mulher nos levantámos numa fria manhã de Inverno, ela foi até junto da janela e chamou-me a atenção para um pobre gato que passara a noite invernosa ao relento, expressando a sua compaixão pelo pobre animal. Olhei na direção indicada quando me foi dado observar não um, mas dois animais: um gato e uma gata que rolava no chão, fazendo a corte ao companheiro. O termómetro marcava vinte e seis graus abaixo de zero, mas o gato não teve dificuldade. Montou-a e em breve os dois estavam mais excitados do que numa quente noite de Verão, quando todos bem conhecemos os preliminares de miadelas, arranhadelas, etc., necessários para o gato arremeter.

Nota – Julgo que as arranhadelas no caso dos gatos produzem o mesmo efeito que as vergastadas nos seres humanos» (*A Pérola*, nº 16, 10/1880, p. 254-255).

O exemplo de anedota que trazemos com o tom propriamente jocoso é:

> UM CASO DE LOUCURA
>
> Quando noutro dia uma senhora quis internar o filho imbecil numa instituição pediu a um médico que lhe passasse um certificado. Ele interrogou-a naturalmente sobre as acções que a levavam a considerá-lo louco.
>
> *Senhora* – Devo dizer-lhe que no Natal passado se levantou durante a noite e comeu todo o pudim que havia na despensa.
>
> *Médico* – Mas isso é simples gula.
>
> *Senhora* – Tenho algo de mais chocante a contar-lhe: um dia destes atirou-se à criada e fornicou-a.
>
> *Médico* – É uma mera depravação. Permita-me que lhe explique a diferença, minha senhora. Se me dissesse que o seu filho tinha comido a criada e fornicado o pudim, não teria a mínima dúvida em o mandar internar. (*A Pérola*, nº 18, 12/1880, p. 295).

No que diz respeito às composições literárias presentes n'*A Pérola*, observamos uma aproximação com os textos (e manifestos) da filosofia libertina. Além de haver uma descrição "desmetaforizada" dos atos sexuais, os gêneros literários presentes no jornal abordavam, principalmente, o defloramento de donzelas e a divulgação do sexo sem limites e sem restrições. O ato sexual descrito (em especial, no romance folhetim que circulou nos números do jornal "La Rose D'Amour: ou as aventuras de um cavalheiro em busca do prazer", traduzido do francês) tinha por objetivo uma "conversão" ao modo libertino de encarar o prazer, ou seja, o gozo era o principal objetivo a ser alcançado e não havia nenhuma preocupação com regras de cunho moral, social ou religioso.

Ao todo, são mais de vinte e três textos que variam entre poemas, contos, romance folhetim, cartas etc. Interessa-nos, em especial, o romance "La Rose D'Amour" por sua longevidade, uma vez que foi publicado em quase todos os números do impresso.

Além do romance folhetim que escolhemos para analisar, o jornal publicou outros romances folhetins como: *O engano de Sally*; *Lady Pokingham ou todas fazem o mesmo – relato das suas aventuras lascivas antes e depois do seu casamento com Lord Crim-com* (em formato de relato, divididos em partes e não capítulos, num total de seis partes); *Moralidade belgraviana*, por Charles; e o romance epistolar *O conto da minha avó ou a narrativa de May de como se iniciou na arte do amor – retirado de um simples manuscrito encontrado entre os papéis da velha senhora e pressupostamente escrito cerca de 1797*. Além de poemas: *A continuação do prazer mesmo de longe*; *Dia de núpcias*; *A noviça*. Balada: *Frank Fane*. Epístolas: *A confissão de Miss Coote ou as experiências voluptuosas de uma solteirona – série de cartas a uma amiga* (num total de 10 cartas). Adaptação: *A revelação de um segredo ou o verdadeiro motivo por que a Rainha Esther deu mais prazer ao Rei do que todas as outras virgens – retirado de um escrito original por I. van Meyen. Amsterdão, 1629. Text. – Esther, Cap. II, v. 2 a 17 incl.*

Destarte, vemos como relevante uma análise do jornal *A Pérola*, uma vez que, de acordo com levantamento realizado em nossa pesquisa, pouco ou quase nada se falou sobre esse jornal, muito menos com o caráter historiográfico e literário.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: POR UMA SOCIEDADE NADA PURITANA

Para entendermos o jornal *A Pérola*, é mister remontar o discurso presente no século XVIII acerca da sexualidade, da prostituição e do movimento libertino, uma vez que vemos no impresso londrino a marca historiográfica de um passado que insiste em permanecer na filosofia, na literatura e nas leis da Era vitoriana: o Iluminismo.

Apesar de o jornal ser datada do último quartel do século XIX, podemos observar nos textos que compõem o impresso uma retomada de um discurso que se instaura no início do século anterior, o período de Setecentos, a saber: erotização da inicialização da sexualidade feminina, profícua demanda de gozo, a aristocracia e seus direitos sexuais e, por fim, o silenciamento de uma sociedade revestida de castidade.

Conforme Dabhoiwala (2013, p. 245): "Inúmeras obras de ficção posteriores do século XVIII, de modo semelhante, mostravam a sedução, a prostituição e o final infeliz de jovens virgens inocentes.". Esse discurso pornográfico não deixa de cessar nas mais diversas produções artísticas.

No mesmo período em que circulou o jornal *A Pérola*, foi publicado no Brasil um livro de poesias, intitulado "Obras Poéticas Livres" (1882)[6], que explorava as mesmas temáticas da sedução, fornicação, prostituição, defloramento de jovens, entre outros, por Laurindo José da Silva Rebello[7].

> DÉCIMA
> Certa mulher de um marquez
> Fodi por cousa nenhuma,
> Mas fodi sómente uma,
> Deus me livre de outra vez!
> A tal putinha me fez na porra[8] tal desatino,
> Com seu rebolar malino
> Poz-me a mente tão corrupta
> Que julguei no cú da puta
> Encontrar o palatino! (REBELLO, 1882, s/p)

O uso das temáticas citadas acima insiste em se repetir nos gêneros literários e filosóficos de cunho licencioso. Veremos no subcapítulo dedicado ao romance folhetim "La Rose D'Amour: ou as aventuras de um cavalheiro em busca do prazer" a retomada dos discursos libertinos e iluministas característicos do século XVIII.

Vale ressaltar que por mais que a sexualidade estivesse em evidência na Europa Setecentista, a circulação de obras com esta temática não tinha uma total liberdade, apesar de o Iluminismo proporcionar uma profícua discussão acerca da pornografia revestida de arte. A imprensa periódica teve um papel decisivo na manutenção do discurso pornográfico por meio de uma grande produção e circulação de textos licenciosos.

> Foi só no começo do século XVIII que surgiu uma cultura em que as questões sexuais podiam ser discutidas de forma contínua e pública por uma audiência de massa. O crescimento da imprensa periódica garantiu que as informações sociais fossem disponibilizadas de maneira muito mais livre, contínua e volumosa, que elas fossem infinitamente copiadas e comentadas de um jornal para o outro, e que fossem compartilhadas por comunidades de leitores muito mais abertas e substanciais do que jamais acontecera antes. (DABHOIWALA, 2013, p. 505)

[6] Segundo Fábio Frohwein de Salles Moniz (2012), a biografia de Laurindo é permeada por controvérsias, uma vez que não há unanimidade pelos estudiosos da história da literatura e pelos críticos literários acerca da grafia correta do nome de Laurindo como também sobre as datas de suas publicações. Moniz (2012) afirma que a única obra publicada em vida foi Trovas (1853). Os outros livros foram organizados a partir de poemas, lunduns e modinhas espalhadas nos periódicos de Oitocentos, a exemplo da Marmota Fluminense (1857). Ainda segundo Moniz (2012), Laurindo faleceu em 28 de setembro de 1864, ou seja, dezoito anos antes da publicação póstuma de seu livro de poemas licenciosos.

[7] No que diz respeito à outra controvérsia, a grafia do nome de Laurindo, deparamo-nos com dois modelos gráficos: na impressão do livro de 1882 está grafado o sobrenome "Rebello", já na biografia de Moniz (2012) e no cadastro da Academia Brasileira de Letras (ABL), a grafai do sobrenome é "Rabelo". Optamos pela primeira escrita na tentativa de mantermos a fidelidade do texto fonte que tivemos acesso.

[8] De acordo com o Dicionário de termos eróticos e afins, organizado por Horácio de Almeida (1981), o significado de "porra" pode ser o membro viril (pênis ereto) ou o esperma. No contexto do poema de Rebello, o significado que melhor se enquadra é o primeiro, pênis ereto.

Devemos, portanto, à imprensa periódica a longevidade do discurso pornográfico, além da criação de novos gêneros, como a biografia obscena, que surge como meio de assegurar a fortuna de prostitutas famosas através da chantagem. Devido à disponibilidade de espaço para circulação de relatos sexuais e uma certa liberdade em se discutir a temática pornográfica, permitiu que profissionais do sexo (a quem se dedica a criação da palavra pornografia: escrita sobre a prostituição e/ou sobre prostitutas) utilizassem a literatura para relatar detalhes íntimos da sociedade, em especial, a aristocracia europeia, em relação aos desejos e práticas sexuais até então silenciados para o grande público.

> O século XVIII viu, portanto, o nascimento de um novo tipo de cultura midiática [...]. Esta mudança alimentou uma discussão pública sobre assuntos sexuais, facilitou a celebridade de mulheres imorais, e proporcionou novas oportunidades para manipulação da opinião pública. O notável é que podemos encontrar as mesmas tendências na ficção deste período, assim como em muitos outros gêneros de escrita contemporânea. (DABHOIWALA, 2013, p. 519)

Essa apropriação do discurso pornográfico, no século XVIII, vinha revestida de uma liberdade de expressão, mas na verdade era um instrumento de manutenção de riquezas e destituição de poder, ou seja, a prostituta ao relatar sua vida sexual, tinha por objetivo maior a chantagem de indivíduos poderosos e ricos. Dessa forma, a prostituta lucrava com o silêncio sobre seus parceiros ou então por meio de incentivo (econômico) de inimigos políticos que almejavam destruir a imagem de algum rival, geralmente político.

> Esta tendência [biografias de prostitutas famosas com a intenção de barganhar pequenas fortunas de seus amantes poderosos] coincidia em parte com o crescimento do uso de histórias sexuais como armas políticas. Havia obviamente uma longa história de desacreditar adversários políticos associando-os a escândalos sexuais: a tática em si não era nova no século XVIII. (DABHOIWALA, 2013, p. 533)

De fato, essa prática ficou evidente no caso relatado acerca de Pietro Aretino, como havíamos mencionado anteriormente, mas deparamo-nos com uma diferença de estrutura: no século XVIII, vemos o surgimento de biografias polêmicas com o intuito de criticar ou desmoralizar algum indivíduo, já nos séculos anteriores, em especial o século XVI, a grande produção de gêneros pornográficos ficava a serviço de poemas satíricos, memórias e principalmente gravuras obscenas.

> Em séculos anteriores, a maior parte das sátiras político-sexuais tinham sido transmitidas apenas oralmente ou em breves textos cômicos ou difamatórios. Agora haviam se desenvolvido gêneros inteiros de imprensa pública permanente, de ampla circulação, dedicada à exposição de escândalos sexuais. Memórias fictícias, jornais, revistas picantes e gravuras satíricas – todas eram regularmente usadas, de maneira explícita ou sub-reptícia para minar a imagem de políticos, associando-os a cortesãs específicas ou à imoralidade em geral. (DABHOIWALA, 2013, p. 533)

E mais, as biografias e sátiras sexuais não interferiam apenas na vida de um único indivíduo, vítima de interesses das prostitutas e ou de inimigos políticos, mas atingiam um grupo muito maior na sociedade setecentista:

> A novidade final foi o uso cada vez maior da sátira sexual para propósitos políticos radicais: não só para atacar indivíduos específicos, ou mesmo para condenar uma corte especialmente licenciosa, mas para criar agitação contra todo o sistema corrupto da aristocracia e monarquia. (DABHOIWALA, 2013, p. 533)

Outra diferença significativa entre os séculos XVI e XVIII era em relação à comunidade leitora e seus personagens. Desde a Idade Média, a mulher sempre foi vista como o berço do pecado, a figura representativa da "Eva corrupta". A partir do século XVIII, com o Iluminismo, e prolongando-se até o século XX, a mulher passa a ser a vítima da corrupção e dos desejos do homem. Enquanto o homem era visto como impuro, a mulher era representada pela castidade e fragilidade.

> Ao longo do século XIX, e até os últimos anos do século XX, esta ideia [de que as mulheres em geral eram mais castas que os homens] apenas ganhou força, até tornar-se quase universalmente aceita como um fato completamente óbvio. (DABHOIWALA, 2013, pp. 352-353)

Porém, como observou Dabhoiwala (2013), o fato de surgir uma inversão de valores opondo castidade e autodisciplina por meio das mulheres, e concupiscência e libertinagem atribuídas aos homens, não faz com que a imagem masculina fique maculada, uma vez que os textos libertinos sempre imprimiram a imagem do homem como viril, iniciador, enquanto à mulher restava o lugar de iniciada e frágil. De acordo com Dabhoiwala:

> O efeito desta mudança de circunstâncias pode ser visto no crescimento das atitudes libertinas na corte de Carlos II. Como parte de sua inversão consciente dos valores convencionais, os libertinos cultivavam um *etos* em que a lascívia irrefreada era vista como algo que acentuava, e não diminuía, o prestígio masculino. (DABHOIWALA, 2013, p. 234)

A ascensão da mulher prostituta e, consequentemente da literatura pornográfica, vê seu apogeu no século XIX através de direitos conquistados na justiça oitocentista, além de uma maior profusão da imprensa periódica que agora adentrava outros continentes:

> No fim do século XIX, a regulamentação governamental das prostitutas fora implementada em todo o Império Britânico e em muitas outras sociedades ocidentais. A escala do sexo comercial também se expandiu muito, acompanhando o crescimento das cidades, da economia industrial, das forças armadas, do comércio global, do transporte, e o desenvolvimento das colônias ultramarinas. (DABHOIWALA, 2013, p. 383)

Não só o trabalho sexual ganhava novos territórios, como os escândalos sexuais conquistavam novos leitores por meio da divulgação em jornais, panfletos e demais

matérias da imprensa periódica. Por meio de tanto material de divulgação e ampliação dos trajetos de circulação da imprensa, fez com que a leitura de obras licenciosas ficasse restrita a individualidade e/ou a grupos menores de leitores, diferentemente dos grandes grupos que se reuniam para a leitura comunitária, muitas vezes em voz alta que, segundo Chartier (2004, p. 17): "É o que ocorre, talvez, com as práticas de leitura cada vez mais distintas umas das outras à medida que o impresso se torna um objeto menos raro, menos confiscado, menos distintivo".

> Na verdade, a exploração de jornais, panfletos e romances pode (como receavam alguns moralistas contemporâneos) ter levado homens e mulheres a formarem suas opiniões mais através de leituras solitárias e em grupos menores, e menos a partir de fontes mais antigas e mais gerais de autoridade. (DABHOIWALA, 2013, p. 489)

Se homens e mulheres não praticavam a leitura apenas nos silêncios da alcova, outra prática de leitura muito comum no final do século XVIII era a compartilhada por um pequeno e seleto grupo, escolhido pela cumplicidade nos mesmos interesses: o deleite com histórias e relatos obscenos. Tais grupos eram formados por homens, geralmente da alta sociedade, detentores de fortuna e prestígio, que se reuniam em locais secretos e nestes ambientes compartilhavam leituras pornográficos e/ou atos sexuais. Essa prática não é específica do século XVIII. Vemos no romance folhetim "La Rose D'Amour: ou as aventuras de um cavalheiro em busca do prazer" a descrição de um clube semelhante aos construídos nos idos de Setecentos. Apesar de no romance descrever como frequentadores homens e mulheres da aristocracia, vemos em Dabhoiwala (2013) uma presença quase que exclusiva do público masculino:

> O prazer sexual agora [final do século XVIII] era cada vez mais celebrado coletivamente, em clubes especiais masculinos. Um de seus defensores mais veementes, o político Sir Francis Dashwood, fundou diversas sociedades libertinas. No centro de sua propriedade, ele ergue um templo dedicado a Vênus [...]. Ainda mais notável era um clube muito mais humilde, chamado Beggar's Benison [Benção do Mendigo], que a partir da década de 1730 se espalhou, a partir da costa leste da Escócia, para Edimburgo, Glasgow e chegando mesmo até São Petersburgo, na Rússia. Seus membros reuniam-se regularmente para beber, conversar sobre sexo, trocar piadas e canções picantes, e ler pornografia. Eles pagavam moças para se despirem e se exibirem nuas. Seu propósito central era comparar seus pênis e masturbar-se na frente uns dos outros, um por vez ou juntos, em ritos elaborados de celebração fálica. Os membros do clube eram uma amostra variada da sociedade respeitável, de meia idade, detentora de posses: clérigos, membros da alta e baixa nobreza, advogados, oficiais do exército e da alfândega, mercadores, artesãos e acadêmicos. (DABHOIWALA, 2013, p. 538)

A criação de clubes licenciosos surge amparada a uma profícua produção literária pornográfica, afinal os frequentadores praticavam "rituais fálicos" inspirados por contos e relatos libertinos que se mantêm durante todo o século XVIII (e como podemos observar, circula por todo o século XIX).

A imprensa periódica e os livros de temática pornográfica viram nessa permissividade da escrita sexualizada um meio de capitar lucro, uma vez que membros poderosos da sociedade sentiam cada vez mais o desejo de obter obras de tal natureza. É bem verdade que a circulação não era tão explícita, considerada inclusive ilegal, mas a clandestinidade permitia que determinado membro da sociedade, tida como respeitável, mantivesse sua honra ilibada perante os demais membros de seu seio social, mas, em segredo, membros fiéis da filosofia libertina desfrutavam dos textos pornográficos com uma maior facilidade de acesso.

> No fim do século XVIII, no entanto, criou-se um próspero comércio de material erótico inglês. Embora a publicação de obscenidades continuasse sendo ilegal, a pornografia agora era muito mais comum e de fácil acesso. [...] Esta também era uma consequência da revolução da mídia. As mudanças que ela inaugurara, e as infinitas oportunidades que ela proporcionava para divulgação e a celebração do sexo, haviam chagado para ficar. (DABHOIWALA, 2013, p. 540)

Vemos que é nesse cenário do pós-Iluminismo e toda a influência da literatura libertina que se molda o jornal *A Pérola*. Apesar de o jornal erótico inglês ser produzido e ter circulado no final do século XIX, podemos observar que a Era Vitoriana não estava tão distante das práticas e costumes da sociedade inglesa de Setecentos. A cultura libertina se mantém pelos dois séculos, XVIII e XIX, até meados do século XX. Segundo Dabhoiwala (2013, p. 560): "A cultura libertina masculina continuou a prosperar e se desenvolver ao longo de todo o período regencial, e dos períodos vitoriano e eduardiano".

Destarte, faz-se necessário, como já havíamos alertado, conhecer o discurso pornográfico que circulou durante o século XVIII para assim entendermos a apropriação tanto por parte da comunidade leitora vitoriana como dos modos de produção e circulação de um impresso que um século depois retoma a temática da pornografia assim como era tratada no auge do Iluminismo.

UM JORNAL PORNOGRÁFICO ANÔNIMO?

O questionamento do título de nossa seção reclama dois pontos centrais para o desenvolvimento de nossa discussão: o lugar do anonimato nos jornais e o que podemos considerar como autoria dos impressos.

De acordo com Barbosa (2007, p. 32), em seus estudos sobre a história da literatura e da leitura nos jornais oitocentistas luso-brasileiros[9], "observa-se uma tendência forte ao anonimato", mas essa configuração de autores/editores anônimos e/ou a utilização de pseudônimos vem de além-mar. Assim como acontecia na Corte brasileira,

[9] O estudo empreendido por Barbosa (2007) diz respeito à imprensa luso-brasileira do século XIX, mas como bem apontou em sua pesquisa, essa realidade da materialidade e a configuração do impresso dizem muito do cenário Ocidental. Não restringimos, portanto, nossa análise ao contexto luso-brasileiro. Assim, tomaremos as questões levantadas pela estudiosa sobre a pesquisa em jornais e nos apropriaremos de suas afirmações tanto para a realidade inglesa como para os demais países.

que por imitação de jornais europeus (em especial, ingleses e franceses), os editores da Europa utilizavam desta feita ou para se prevenir das punições legais, ou por não ter importância o nome do "autor", "talvez porque a prevalência seja a da palavra escrita e não daquele que escreve" (BARBOSA, 2007, p. 35). Para Barbosa, ainda sobre o cenário da imprensa brasileira de oitocentos, "parece ser menos um 'fraqueza' ou 'defeito' [...] do que uma marca da linguagem jornalística no século XIX" (BARBOSA, 2007, p. 32).

Fica evidente após a leitura dos números que circularam d'*A Pérola* que o anonimato ocorre não só pela *marca da linguagem jornalística* de oitocentos, mas, principalmente, por uma prevenção, uma vez que a temática pornográfica feria os bons costumes e a moral vitoriana. Segundo os editores portugueses:

> Não é, pois, a puritana vida da Inglaterra, tal como estamos habituados a considerala, o que nos revela nas páginas frívolas deste livro alegre e humorístico. Uma sensualidade a que não falta um toque de perversão, um modo facecioso de encarar a vida, uma rotina constante de prazer. (texto da orelha do livro)[10]

> Libertinagem, sadismo mitigado, frivolidade e humorismo, são ingredientes desta obra inesquecível que fez as delícias de tantas gerações. (texto da contracapa do livro)

O artifício mais provável, por tratar de temas que vão de encontro com a solidez e o puritanismo britânico, é a proteção. Mas outros motivos não podem ser desconsiderados, como bem observou Barbosa (2007, p. 33): "Uma das razões, a mais óbvia talvez, diz respeito à necessidade de proteção, seja da autoridade, seja da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento.".

De acordo com essa perspectiva do anonimato, preocupamo-nos em mostrar como a autoria pode ser vista por outro ângulo, ou seja, não a do "nome" do autor, mas de todos os elementos responsáveis pela produção de um impresso.

Traçaremos esse caminho, segundo a propositura de circuito por Darnton (2010), guiando-nos pelos elementos a seguir: autor, editor, impressor, distribuidor, vendedor e leitor.

No que diz respeito ao autor, o impresso é atribuído ao editor Lazenby que fez do impresso *A Pérola* uma forma de renda, mas também de crítica à sociedade vitoriana.

William Lazenby[11] (morreu por volta de 1888) atuou na década de 1870 e 1880 no ramo da literatura pornográfica, vindo a ser condenado por sua atuação. Ele usou os pseudônimos "Duncan Cameron" e "Thomas Judd" como era de costume no cenário jornalístico, principalmente pelo fato de burlar as leis inglesas em nome da disse-

[10] Como já dissemos, trabalhamos com a tradução portuguesa do jornal A Pérola que foi editado no suporte livro. Os originais do The Pearl encontram-se na Biblioteca nacional de Londres (Cf. <http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=moreTab&ct=display&fn=search&doc=BLL01002850930&indx=266&recIds=BLL01002850930&recIdxs=5&elementId=5&renderMode=poppedOut&displayMode=full&frbrVersion=&dscnt=0&scp.scps=scope%3A%28BLCONTENT%29&frbg=&tab=local_tab&dstmp=1406658008343&srt=lso01&mode=Basic&vl(488279563UI0)=any&dum=true&tb=t&vl(freeText0)=pearl&vid=BLVU1>). Acessado em 29/07/2014.

[11] Para mais informações conferir o site: <http://www.encyclo.co.uk/define/William%20Lazenby>. Acessado em 26/07/2014.

minação de obras licenciosas. O editor publicou outros textos licenciosos, mas o jornal *A Pérola* foi o responsável por sua condenação, porém deixou o editor registrado na historiografia da imprensa vitoriana. Muitos dos poemas publicados no jornal foram, posteriormente, atribuídos ao escritor aristocrata Algernon Charles Swinburne (segundo pesquisas, o escritor foi indicado ao Nobel de Literatura). Um dos indicativos de sua ligação com os poemas pornográficos se dá por:

> Sua mania de masoquismo, particularmente flagelação, provavelmente começou no Eton e foi incentivado por suas amizades posteriores com Richard Monckton Milnes (um dos companheiros de apostolado de Tennyson), que o apresentou às obras do Marquês de Sade, e Richard Burton, o explorador vitoriano e aventureiro[12]. (Tradução livre)

Não podemos precisar se o escritor é o autor dos poemas pornográficos, pois nada ficou registrado no jornal ou por cartas. Há apenas a associação pela temática libertina presente nos poemas do jornal e que Swinburne publicou. Vale salientar que no período em que o jornal circulou Swinburne ainda era vivo, vindo a morrer no ano de 1909.

De acordo com os dados catalográficos da Biblioteca Nacional de Londres (conforme é mostrado na imagem abaixo), *A Pérola* foi impressa pela *Society of Vice: Londres-Paris*.

Figura 2 – Catálogo da *British Library*



Fonte:<http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=moreTab&ct=display&fn=search&doc=BLL01002850930&indx=47&recIds=BLL01002850930&recIdxs=6&elementId=6&renderMode=poppedOut&displayMode=full&frbrVersion=&dscnt=0&fctN=facet_rtype&rfnGrp=1&frbg=&fctV=journals&scp.scps=scope%3A%28BLCONTENT%29&tab=local_tab&dstmp=1438170684804&srt=rank&mode=Basic&vl(488279563UI0)=any&dum=true&tb=t&rfnGrpCounter=1&vl(freeText0)=pearl&vid=BLVU1>.

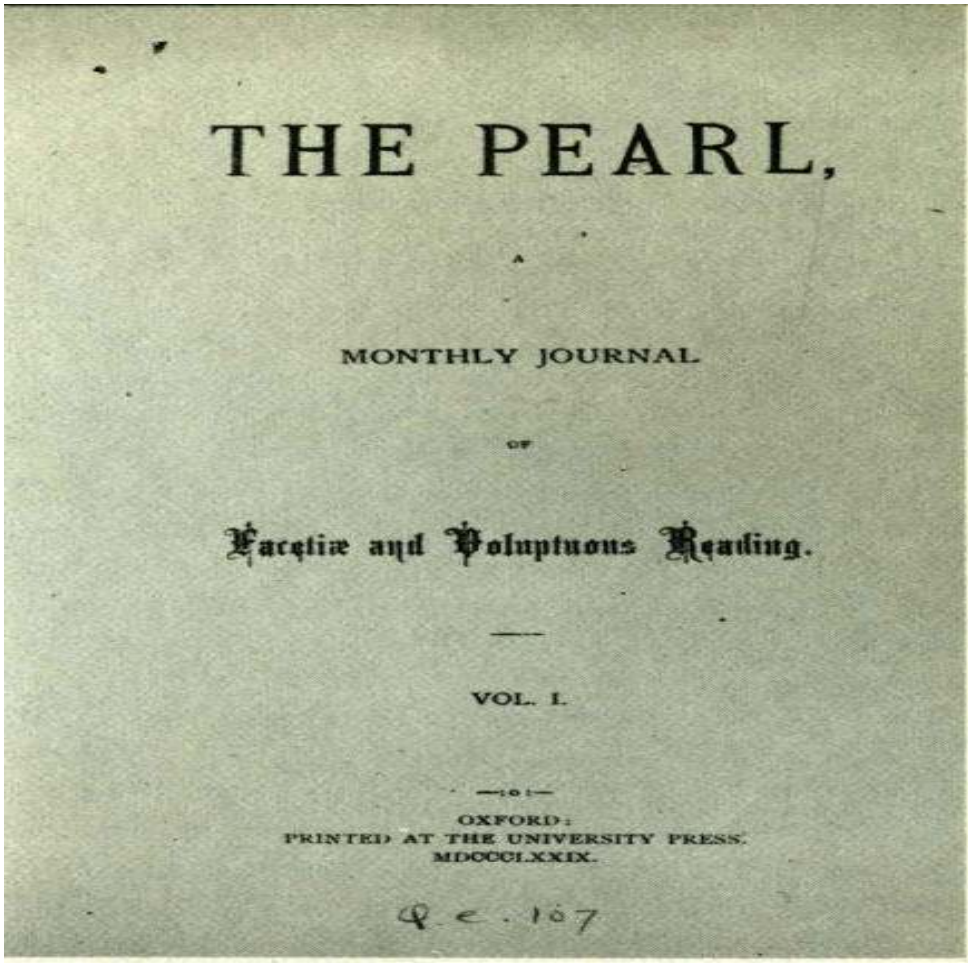
[12] Para mais informações conferir o site: <http://www.victorianweb.org/authors/swinburne/acsbio1.html>. Acessado em 26/07/2014.

A relação entre esses dois centros urbanos da Europa oitocentista, Londres e Paris, se dá tanto pelo diálogo com os romances licenciosos, como pelo comércio editorial da época. É importante também ver que Lazenby mantinha uma boa relação com o mercado francês a partir de duas pistas deixadas no jornal e em sua biografia: 1) ao romance folhetim "LA ROSE D'AMOUR: ou as aventuras de um cavalheiro em busca do prazer" não é indicada uma autoria, mas o jornal apresenta como sendo traduzido do francês; 2) Após ser condenado pela divulgação de material licencioso, Lazenby vai viver na França e continua com a produção de obras pornográficas.

Essas duas pistas nos mostram não apenas a relação de Lazenby com a França, mas demonstra um costume comum a época: a tradução e/ou cópia de textos sem a devida filiação. De acordo com Barbosa (2007, p. 47): "a adaptação, a tradução, a cópia e a imitação de textos estrangeiros" são algumas das estratégias de escrita utilizadas pelos editores de jornais.

Por outro lado, vemos na imagem abaixo que o jornal saiu por outra empresa impressora:

Figura 3 – Capa do primeiro volume d'A Pérola, de 1879.



Fonte:<http://www.horntip.com/html/books_&_MSS/1870s/1879-1880_the_pearl_journal/issue_01_-_july_1879/index.htm>

Apesar de os dados catalográficos da *Biblioteca Nacional de Londres* indicarem que *A Pérola* foi impressa pela *Society of Vice: Londres-Paris*, vemos na capa do jornal a indicação de que a publicação foi em *Oxford, Imprensa Universitária*. Esse fato nos leva a inferir que havia um certo "consentimento" com a publicação desse jornal, uma vez que sua impressão ocorreu no âmbito acadêmico inglês. Porém, vale destacar que a prática de utilizar um selo de uma empresa impressora de renome e/ou de respeito era utilizado como forma de ironizar ou até mesmo atrair novos leitores, não sendo necessariamente verdade, mas uma invenção, uma falsa designação, ou melhor, uma estratégia do editor do jornal, "muitas vezes com falsas indicações de edição, como é frequente neste tipo de Literatura que aproxima a clandestinidade." (MARINHO, 2006, p. 95).

Acerca dos distribuidores e dos vendedores de material pornográfico e/ou proibido, não temos nenhum dado registrado, mas podemos deduzir que, assim como ocorreu na França: "Desde o século XVI até nossos dias, a literatura não ortodoxa tem sido transportada clandestinamente em enormes quantidades, de modo que sua influência varia conforme a eficiência do contrabando" (DARNTON, 2010, p. 143).

É pela dificuldade de encontrarmos registros sobre o papel dos distribuidores e vendedores, principalmente de obras licenciosas, uma vez que circulavam na clandestinidade, que os historiadores da literatura sentem esse hiato na construção de uma historiografia mais precisa, ou, nas palavras de Darnton (2010, p. 142): "Pouco se sabe sobre a maneira como os livros saíam das gráficas e chegavam aos depósitos.". Assim como ocorre com os livros, veem-se as mesmas estratégias e dificuldades para circulação de jornais proibidos.

No que diz respeito ao leitor, não temos como avançar na discussão por uma perspectiva documental, pois nada temos como testemunho documentado sobre os leitores do jornal (testamentos, assinaturas, bloco financeiro do editor etc.). Mas, por outro lado, não podemos deixar esse elemento do circuito – o leitor – na obscuridade. Devemos seguir o caminho apontado por Darnton (2010, p. 125), dado a importância do fechamento do circuito, de que "O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores.".

Assim como observamos nos dados sobre o editor, supomos um leitor que comungue do mesmo estilo, ou seja, uma literatura libertina, licenciosa e satírica. Vemos aqui não um leitor real ou almejado, mas um leitor representado, segundo Chartier (1997), que viveu em uma dada sociedade (Inglaterra do final de oitocentos) marcada por questões sociais, políticas e culturais (em destaque, como afirmaram os editores da versão portuguesa, uma comunidade leitora "aparentemente severa" e pudica, mas que na intimidade de uma leitura secreta, entrega-se aos mais íntimos desejos). É esse o leitor, homens e mulheres, no "auge do imperialismo" inglês, entre 1879-1880, que consumia o jornal *A Pérola* seja com o intuito de saborear o tom humorístico de crítica à aristocracia inglesa de fim de século, seja com os mais desnudados desejos pelo tom libertino presente no impresso.

Essa representação do leitor vitoriano oscila entre a comunidade leitora que se deleita com textos satíricos que criticam o reinado da Rainha Vitória e, por outro lado, um grupo defensor da moral e dos bons costumes ingleses, tomando a fé como restauradora de uma sociedade em declínio.

> Com este pano de fundo de aparente declínio nacional e perturbação social [década de 1850], a importância da fé religiosa e do conservadorismo social passou a ser amplamente reafirmada: apenas retomando seus princípios básicos é que a nação reencontraria seu curso. Esta visão foi parte da inspiração para os grandes reavivamentos religiosos que se estenderam por todo o período, tanto na Inglaterra quanto na América do Norte, e para o Contrailuminismo intelectual. (DABHOIWALA, 2013, p. 547)

Essa busca pela restauração por meio de um "conservadorismo social" justifica a perseguição, por exemplo, do editor Lazenby e de seu jornal *A Pérola*, que como já mencionamos, o editor foi censurado e punido pela disseminação de material licencioso e libertino e o jornal teve que deixar de circular pelo território inglês após dois anos de publicação.

Além do mais, o conservadorismo inglês buscou por meio de leis jurídicas e discursos religiosos combater três eixos da sociedade: a sexualidade da mulher, o crescimento da comunidade homossexual na Inglaterra e a liberdade sexual das classes operárias e mais humildes da sociedade vitoriana. Dessa feita, só havia espaço (ou até mesmo tolerância) para a lascívia masculina e seus clubes clandestinos em nome do desejo libertino:

> No século XIX, conforme os modos científicos de descrever a sexualidade foram investidos de uma autoridade recém-descoberta, eles também foram usados principalmente para defender a indesejabilidade da lascívia feminina, do comportamento homossexual, ou da licenciosidade sexual entre as classes mais baixas. (DABHOIWALA, 2013, p. 546)

De fato, o que podemos observar é que a comunidade leitora do jornal *A Pérola* não se restringia apenas ao público masculino e detentor de poder, mas a punição para os grupos vistos como indesejáveis que buscavam a liberdade da sexualidade, tais como as mulheres, homossexuais e pobres, sofriam com um castigo bem mais severo do que o aplicado aos homens abastados do reinado vitoriano.

> Igualmente reveladora era a natureza da censura no século XIX e começo do XX. Os vitorianos e seus sucessores dedicaram consideráveis esforços a limitar a disponibilidade pública de material sexual explícito. [...] No entanto, isto não impediu que quantidades cada vez maiores de pornografia fossem produzidas e distribuídas clandestinamente. (DABHOIWALA, 2013, p. 554)

E mais, essa censura não era tão totalitária assim, ou seja, a ideia de comportamento lascivo funcionava para a censura apenas aos grupos vistos como inferiores. Segundo Dabhoiwala:

> Era uma cultura em que aquilo que era considerado comportamento e conhecimento normal e permissível variavam fortemente de acordo com a classe e o sexo – e em que a transgressão destas fronteiras se tornava, portanto, altamente sexualizada. (DABHOIWALA, 2013, p. 558)

Ainda de acordo com Dabhoiwala (2013), esse conservadorismo e rigidez na censura investida contra a literatura pornográfica e libertina não perduraram apenas durante o reinado da rainha Vitória. A busca pela restauração e manutenção do poder da Monarquia e da Igreja Anglicana, e, consequentemente, a rigidez nas leis e nas punições contra os autores e editores de jornais licenciosos (como por exemplo, o editor d'*A Pérola*) perdurou pelas décadas seguintes:

> Muitos historiadores agora concordariam que esta afirmação "vitoriana" de limites rígidos sobre a liberdade sexual, e a repressão de diversas formas de sensualidade, persistiu até muito mais de 1901 – na verdade, que esta foi uma característica dominante da cultura sexual ocidental até os anos de 1960. (DABHOIWALA, 2013, p. 550)

Após a discussão empreendida e representada em torno dos elementos responsáveis pelo funcionamento de um circuito que pressupõe a importância de todos os itens que são responsáveis pela composição de um impresso não podemos considerar o jornal anônimo, em especial *A Pérola*, como isento de um autor, ou melhor, de uma(s) autoria(s). Cada elemento do circuito (autor, editor, impressor, distribuidor, vendedor e leitor) ilustra bem como se molda e se compõe não apenas um impresso, mas um discurso de uma época.

ESTRATÉGIA/TÁTICA–EDITOR/LEITOR: UM JOGO DE "GATO E RATO" EM NOME DO LUCRO E DO PRAZER

Para construirmos uma historiografia que se distancia do cânone literário e que rompe com modelos da moral e dos bons costumes, precisamos pensar em que estratégias foram utilizadas para composição e circulação de um impresso licencioso e quais as artimanhas de leitor para usufruir de uma leitura proibida.

Destarte, tomaremos como estratégia "o cálculo (ou a manipulação)" (CERTEAU, 2012, p. 93) utilizada pelo editor de *A Pérola*, uma vez que, como já mencionamos, apropriou-se de um anonimato para produção e circulação do jornal. É na relação intrínseca entre o ato de esconder o "seu nome" que se dá o início desse "jogo" de manipulação.

É por uma autoria velada, mas não inexistente, como já vimos, que o lugar da estratégia associa-se, como diz Certeau (2012), a um "lugar de poder", ou seja, pela escolha dos gêneros literários (crônicas, romances, contos, cartas etc.) e uma abordagem temática da pornografia libertina, verificamos que ao editor cabia a manipulação do desejo do outro (o leitor), mas descortinava, ao mesmo tempo, críticas aos modelos

aristocráticos da Inglaterra de fim do século XIX. No caso do romance folhetim supracitado, *La Rose D'Amour*, muito além das descrições minuciosas das aventuras sexuais do jovem aristocrata inglês, estava evidente a denúncia de uma sociedade vitoriana que se entregava aos mais perversos desejos sexuais.

> Devo pedir nesta altura ao leitor que não se esqueça da minha anterior afirmação ou seja que os membros da sociedade que se entregavam a estes prazeres na mansão pertenciam às famílias mais nobres do reino. Sempre que um cavalheiro era iniciado naquela sociedade tinha de ir acompanhado e de apresentar qualquer parente feminino, uma irmã, prima ou amante a fim de que ao ter relações com os familiares de outros membros não estivesse em vantagem sobre eles no aspecto de honra. (*A Pérola*, nº 10, abril de 1880, p. 7)

Acentua-se, principalmente, o poder exercido pelos que detêm uma fortuna grandiosa (herdada pela morte do pai, como é o caso do personagem principal) e a ambição ou falta de limites pelos desejos sexuais mais libertinos. Há, na ficção, uma sociedade que comunga dos mesmos preceitos morais e sexuais e, por outro lado, há uma sociedade real que é manipulada ao consumo de bens, tais como o jornal *A Pérola*.

Para que o "jogo" se complete, é necessário ter o outro movimento do consumo, ou seja, a tática. Tomamos a tática, conforme disse Certeau (2012, p. 94), como "a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio", "não tem por lugar senão o do outro". Por essa ótica, vemos um leitor que busca nas páginas do jornal *A Pérola* dois caminhos: 1) o caminho da excitação sexual, mediante as descrições das cenas de sexo; 2) o caminho do regozijo pela crítica à aristocracia inglesa. Seja qual for a via escolhida, o leitor, ao que nos aprece, se completa na/pela linguagem (aqui a palavra impressa). Toma o outro – o jornal – como objeto de obtenção de prazer e de consumo, ao mesmo tempo em que estabelece o lugar da estratégia dado ao editor que vai edição a edição manipulando e alimentando os mais secretos desejos do leitor. É claro que não devemos esquecer que nesse movimento intrínseco da composição do impresso e do consumo do leitor está clara a obtenção do lucro, por parte de editor do jornal, e do prazer, por parte do leitor.

O fato de termos um jornal que publicou 18 números mensais e 2 suplementos de Natal com um conteúdo lascivo e crítico, indica-nos que a procura pela *A Pérola* era vantajosa tanto para o editor como para o leitor. Não devemos perder de vista que, de acordo com informações coletadas e mencionadas sobre o editor, o fato de Lazenby ter sido processado pode ter determinado o fim de um jornal que ainda poderia ter produzido muito mais material.

LIBERTINAGEM E *VOYEURISMO*: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Como já indicamos na introdução de nosso artigo, buscamos construir um apanhado parcial das informações coletadas acerca da pornografia enquanto tema recorrente em sátiras, romances e folhetins que servia de alegoria (Cf. HANSEN, 2006) não só para erotização e excitação do leitor, mas como instrumento de crítica e difamação a indivíduos e aos sistemas monárquico e aristocrático.

O foco principal que guiou nossa análise foi considerar o jornal *A Pérola* como um enunciado instaurado sócio-histórico-politicamente, ou seja, pelas produções literárias presentes no jornal *A Pérola*, inferimos que a comunidade leitora vitoriana poderia encontrar um discurso crítico com tom jocoso à aristocracia inglesa de fim do século XIX e ao mesmo tempo o impresso apresenta um discurso datado do século XVIII que é a filosofia libertina. Dessa forma, vemos dois caminhos para o *voyeurismo* do leitor: a descrição frívola e perversa das relações entre membros da elite inglesa e a obtenção do gozo pelas detalhadas cenas de sexo libertino.

A tática de olhar "pelo buraco da fechadura", ou melhor, pela "sombra de um castiçal vitoriano", o sadismo mitigado, praticado pelos membros mais nobres do reino, atiça o leitor e o faz se encontrar no outro, como afirma Certeau (2012), comungando dos mesmos prazeres sexuais, mesmo que seja na clandestinidade ou no anonimato. Mas o fato de serem anônimos, leitores e editor, não nos levam a um caminho de obscuridade e incertezas. É pela via do circuito de impressos de Darnton que podemos resgatar, ao menos o que nos é possível, a construção de um impresso que representa de forma não ortodoxa a sociedade inglesa oitocentista e os desejos mais lascivos presentes na construção do jornal *A Pérola*.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Literatura e periódicos no século XIX*: perspectivas históricas e teóricas. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* Artes de fazer. 19ª ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

_____. *A ordem dos Livros*. Trad. Leonor Graça. Lisboa: Vega, 1997.

DABHOIWALA, Faramerz. *As origens do sexo*: uma história da primeira revolução sexual. Trad. Rafael Mantovani. São Paulo: Globo, 3013. (Coleção Biblioteca Azul)

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão*. Trad. Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria*: construção e interpretação da metáfora. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

MARINHO, Cristina. Triunfos da religião e da natureza: *discordia concors*. In: VÁRIOS. *Leituras de Bocage*. Porto: Faculdade Letras Porto, Serviço de Publicações, 2006, pp. 90-101. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7056/3/nobracompletaleituras000118970.pdf>. Acessado em 28/02/2015.

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles. *Laurindo Rabelo*: cadeira 26, patrono 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial de São Paulo, 2012. (Série Essencial, n. 9, Academia Brasileira de Letras).

ROUSSEAU. Jean-Jacques. *As confissões*. Trad. Wilson Lousada. São Paulo: Martin Claret, 2011.

PERIÓDICOS CONSULTADOS

A Pérola. Tradução de Maria Emília Ferros Moura. vol. II. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d.

The Pearl. Londres: Society of Vice: Londres-Paris, 1879-1880.